

PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E EPISTEMOLOGIA SEGUNDO PATRICIA HILL COLLINS

BLACK FEMINISM THOUGHT AND EPISTEMOLOGY ACCORDING TO PATRICIA HILL COLLINS

Halina Leal¹

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/569857555739025>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6724-4622>

Recebido em: 09/05/2022

Aceito: 12/09/2022

RESUMO: Desde tempos remotos, surgem questionamentos a respeito de como os seres humanos adquirem conhecimento. No contexto da filosofia ocidental, a epistemologia ocupa-se de tentar responder a tais questionamentos, afirmando a possibilidade universal do conhecimento, ou seja, afirmando que a todos os seres humanos é possível conhecer, independentemente de cultura, etnia ou raça. Embora abra a todos os sujeitos a possibilidade de conhecimento, o pensamento ocidental se fecha na imposição de uma única forma de significar a realidade. Esta é a forma eurocêntrica que rechaça outros signos e significados que não se reduzem a tal padrão. Patricia Hill Collins questiona essa perspectiva, trazendo a importância de considerarmos epistemologias diversas, para além do padrão imposto. Ela apresenta, assim, a epistemologia que surge de pensamentos e ações das mulheres negras. Nesses termos, o presente texto visa analisar a proposta de Hill Collins com vistas à compreensão do pensamento feminista negro e da perspectiva epistemológica que daí surge.

Palavras-chave: epistemologia; pensamento feminista negro; Patricia Hill Collins

ABSTRACT: Since ancient times, questions have arisen about how human beings acquire knowledge. In the context of Western philosophy, epistemology is concerned with trying to answer such questions, affirming the universal possibility of knowledge, that is, affirming that it is possible for all human beings to know, regardless of culture, ethnicity, or race. Although it opens the possibility of knowledge to all subjects, Western thought is closed to the imposition of a single way of signifying reality. This is the Eurocentric form that rejects other signs and meanings that cannot be reduced to such a standard. Patricia Hill Collins questions this perspective, bringing the importance of considering other diverse epistemologies, beyond the imposed standard. She presents, thus, the epistemology that arises from the thoughts and actions of black women. In these terms, the present text aims to analyze Hill Collins' proposal with a view to understanding black feminist thought and the epistemological perspective that arises from it.

Keywords: epistemology; black feminist thought; Patricia Hill Collins

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, os seres humanos formulam questionamentos a respeito das origens do mundo, do universo, dos humanos ou dos deuses, buscando respostas e

¹ Doutora em Filosofia. Professora do Quadro da Universidade Regional de Blumenau, FURB. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, FURB. E-mail: halina.leal@gmail.com.

conhecimento a respeito. Mas, o que é o conhecimento? Como se estabelece a relação entre um sujeito apto a conhecer e um objeto a ser conhecido? Em última análise, quais as condições de possibilidade de haver conhecimento? A epistemologia diz respeito a tais questionamentos.

No contexto do pensamento ocidental, a epistemologia é identificada como o campo filosófico no qual cabe a análise de como se desenvolve o processo de conhecimento, por meio do exame de suas origens, limites e valores. A partir do questionamento basilar de como se estabelece a relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, a epistemologia tenta responder a questionamentos referentes às possibilidades do conhecer, o que ocorre com o sujeito que tenta conhecer determinado objeto e o que pode ser considerado objeto de conhecimento. Em outras palavras, esses questionamentos epistemológicos conduzem a saber se é possível aos sujeitos conhecerem determinados objetos, que capacidades têm que possuir os sujeitos para conhecerem os objetos e que objetos são passíveis de serem conhecidos.

As respostas a esses questionamentos delinearam, durante muito tempo, o debate epistemológico no contexto da filosofia ocidental, sobretudo afirmado a possibilidade universal do conhecimento, ou seja, afirmado que a todos os seres humanos é possível conhecer, independentemente de cultura, etnia ou raça. Ao mesmo tempo em que aparentemente essa visão de epistemologia não fecha a possibilidade de consideração de variação, de cultura para cultura, dos meios e pressupostos de conhecimento, a epistemologia, no contexto da filosofia ocidental, se caracterizou e é possível afirmar que ainda se caracteriza, pela noção de universalidade. Em que sentido? No sentido de que, o debate epistemológico permanece centrado em determinadas capacidades do sujeito cognoscente e que permitem a este conhecer determinados objetos por meio dessas capacidades.

Em outras palavras, reforça-se o princípio de que somos, enquanto sujeitos cognoscentes, “iguais” e que, portanto, as possibilidades de os sujeitos conhecerem os objetos e as capacidades desses sujeitos são universais. A questão é, são universais a partir de que perspectiva? Respondendo à questão, são universais a partir de uma perspectiva eurocentrada assumida como modelo ou padrão de conhecimento. Tendo em vista essa padronização, o que dizer de conhecimentos diversos, produzidos fora do âmbito eurocêntrico? A tentativa de validação de diferentes signos e significados que não se reduzem ao padrão eurocêntrico ainda é rechaçada.

Nessa perspectiva, o que dizer, por exemplo, do pensamento de mulheres negras? Mulheres estas que carregam perspectivas próprias de significação da realidade e que, embora muitas vezes tenham que assimilar o conhecimento imposto, resistem a condições de apagamento e silenciamento de suas vozes. Essa articulação advém em geral de movimentos em que as próprias mulheres negras ressaltam as peculiaridades de suas condições e formas de pensar, como é o caso do movimento do feminismo negro.

O feminismo negro é um movimento teórico, político e social protagonizado por mulheres negras e que busca dar visibilidade às peculiaridades das demandas desse grupo de mulheres. Essas demandas estão relacionadas à interseccionalidade de opressões que implica em múltiplas situações pelas quais passam as mulheres negras e que as colocam à margem do poder e da representação. Patricia Hill Collins² faz parte e analisa esse movimento, contemplando os detalhes não somente do pensamento feminista negro, mas

²Na sua obra Pensamento Feminista Negro, Patricia Hill Collins analisa o contexto estadunidense, mas, como ela mesma afirma: “(...) as questões examinadas (...) vão além das especificidades que o livro apresenta. (...) O racismo, o sexism, a exploração de classe, o heterossexismo, o nacionalismo e a discriminação contra pessoas com capacidades diferentes e de diferentes idades, etnias e religiões afetam a vida de todos nós. (COLLINS, 2019, P. 13-14)

de todo o arcabouço epistemológico aí subjacente.

O FEMINISMO NEGRO

Os questionamentos a respeito do lugar das mulheres negras nos debates feministas surgem, na medida em que o histórico dos movimentos feministas indica desinteresse no tratamento de questões raciais. Angela Davis, em sua obra *Mulheres, Raça e Classe* (DAVIS, 2016, Capítulo 4), descreve situações em que sufragistas estadunidenses se colocam ostensivamente contra o direito ao voto de homens negros, com argumentos voltados somente à questão de gênero, sem considerar os extremos que a condição de opressão de raça impunha às pessoas negras. Afirma Davis:

“Havia um poderoso fator de ingenuidade política na análise feita por Stanton³ a respeito das condições vigentes no fim da guerra, o que significava que ela estava mais vulnerável do que nunca à ideologia racista. (...) Quando os republicanos ortodoxos contestaram a reivindicação pelo sufrágio feminino no pós-guerra com o slogan “Chegou a hora do negro”, eles estavam, na verdade, dizendo em silêncio “Chegou a hora de mais de 2 milhões de votos para nosso partido”. Contudo, Elizabeth Cady Stanton e suas seguidoras parecem ter acreditado que era “a hora do sexo masculino” e que os republicanos estavam dispostos a estender aos homens negros todos os privilégios da supremacia masculina. Na Convenção pela Igualdade de Direitos de 1867, quando foi questionada por um representante negro se apoiaria a extensão do voto aos homens negros mesmo que as mulheres não se tornassem eleitoras também, ela respondeu: “Digo que não; eu não confiaria a eles meus direitos; desvalorizados, oprimidos, eles poderiam ser mais despóticos do que nossos governantes anglo-saxões já são.”” (DAVIS, 2016, p.82-83)

Davis aponta que as sufragistas lideradas por Stanton expressaram total descontentamento quando, depois da Guerra Civil dos Estados Unidos, os homens negros obtiveram o direito ao voto e elas não, proferindo, naquele momento, reclamações explicitamente racistas. Esse grupo de mulheres criticou emendas aprovadas em favor da concessão de direito ao voto aos homens negros da Associação pela Igualdade de Direitos:

(...) na defesa dos próprios interesses enquanto mulheres brancas de classe média, elas explicitavam – frequentemente de modo egoísta e elitista – seu relacionamento fraco e superficial com a campanha pela igualdade negra do pós-guerra. (...) Com a aprovação [do direito ao voto aos homens negros], elas sentiam possuir razões tão fortes a favor do sufrágio quanto os homens negros. No entanto, ao articular sua oposição com argumentos que evocavam os privilégios da supremacia branca, demonstravam o quanto permaneciam indefesas – mesmo após anos de envolvimento em causas progressistas – contra a perniciosa influência ideológica do racismo. (DAVIS, 2016, p. 84-85)

Nesse movimento, além das feministas não conseguirem entrar num acordo em questões referentes à raça, nem cogitaram considerar a situação das mulheres negras. Estas foram totalmente ignoradas.

Posteriormente, saindo do contexto estadunidense, um outro grande movimento feminista ocorreu na França, tendo como base teórica a obra *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir (1908-1986). Quando a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) finda, a maioria dos países desenvolvidos e daqueles em que houve processos de

³Elizabeth Cady Stanton foi uma sufragista que enviou uma carta ao editor do New York Standard, datada de 26 de dezembro de 1865, na qual expressa ideias racistas para justificar sua postura contra o direito ao voto para homens negros.

descolonização, o voto das mulheres já era realidade. Com isto, muitas das demandas de movimentos feministas da época haviam sido satisfeitas e várias mulheres abandonaram a militância. Outras continuaram trabalhando, principalmente com os problemas econômicos e com as reformas das leis sobre a infância e a maternidade. Foi neste contexto, que a obra de Beauvoir inicia uma nova etapa do feminismo. Diferentemente de reivindicar direitos, como havia feito o feminismo até então, a filósofa discorre sobre a teoria de que a mulher historicamente tem sido considerada como a outra em relação ao homem, sem que haja reciprocidade. Ela salienta que o homem em nenhum momento é o outro, ao contrário ele é o centro, a medida e a autoridade. Neste sentido, o homem é o essencial e a mulher está sempre em relação de assimetria com ele. Com Beauvoir, o movimento feminista se assenta não somente nas reivindicações, mas nas indagações às ciências e disciplinas da cultura e do conhecimento, concluindo que não há nada de biológico nem de natural que explique a subordinação e a discriminação das mulheres. A cultura, segundo ela, se impõe e atribui papéis às mulheres.

Alguns anos depois, no contexto estadunidense, Betty Friedan, em sua obra *A Mística Feminina* (1963), analisou a profunda insatisfação das mulheres estadunidenses consigo mesmas, com suas vidas e como elas traduziam esta insatisfação em problemas pessoais manifestados em diversas patologias como ansiedade e depressão, por exemplo. Para Friedan, para além de um problema particular, estas questões eram um problema político. A reação patriarcal contra o sufragismo e a incorporação das mulheres na esfera pública durante a Segunda Guerra, fez com que a sociedade dominada por homens definisse o lugar da mulher como mãe e esposa, com possibilidades cerceadas de realização pessoal, sendo geralmente culpabilizada por não estar feliz:

O problema era minimizado dizendo à dona de casa que ela não percebia como tinha sorte: era sua própria chefe, não batia ponto, não tinha nenhum estagiário querendo roubar sua vaga. E daí que não fosse feliz? Ela achava que todo homem era feliz? Será que na verdade ainda desejava secretamente ser homem? Será que ainda não tinha se dado conta de como tinha sorte por ser mulher? (...) o problema também era minimizado quando se dizia que não havia solução: ser mulher é isso; o que há de errado com as estadunidenses que não conseguem aceitar seu papel com graciosidade? (FRIEDAN, 2020, p. 23)

Assim como as sufragistas, tanto Simone de Beauvoir quanto Betty Friedan não postularam a situação das mulheres negras. O fato é que, ao definirem indistintamente as questões de gênero, as feministas universalizaram as suas experiências e reduziram estas experiências às necessidades de um grupo de mulheres: das mulheres brancas de classe média.

Neste sentido, os movimentos feministas expressaram, em momentos-chave de seu desenvolvimento, um pensamento hegemônico reducionista, e, sobretudo, indiferente às situações de dominação e opressão sofridas pelas mulheres negras.

Sojourner Truth, no seu célebre discurso *E não sou uma mulher?*, proferido em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio, já apontava para estas questões quando interrogava, em primeira pessoa, se a mulher negra não é mulher. Isso porque, enquanto força de trabalho, as mulheres negras sempre foram vistas como tão resistentes quanto qualquer homem. Num dos trechos de seu discurso, Truth afirma: “(...) eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! Não sou uma mulher? (...)”. O que se observa, e Sojourner Truth foi pioneira em apontar isto, é que as mulheres negras nunca foram vistas como frágeis, como quem requer algum tipo de cuidado. Muito pelo contrário, suas imagens sempre estiveram associadas à disponibilidade para trabalhar,

cuidar e servir, inclusive sexualmente. Esses pontos não eram contemplados nas reivindicações feministas. Em muitos casos, enquanto as feministas militavam e lutavam pelos seus direitos, as mulheres negras trabalhavam, cuidando da casa e dos filhos dessas feministas.

O feminismo negro surge, então, para visibilizar o que estava sendo invisibilizado nos movimentos feministas. Esse movimento vai ao encontro das experiências das mulheres negras na diáspora africana. Experiências essas que variam, mas que mantêm um eixo comum de opressões. O movimento feminista negro se traduz, assim, em ações e reações às condições de vulnerabilidade de grande parte das mulheres negras e que dizem respeito não somente à opressão de gênero, mas de raça. A interseccionalidade ajuda a compreender essas condições advindas do entrecruzamento de opressões.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica utilizada pelas feministas negras para refletir acerca da inseparabilidade estrutural entre patriarcado, sexism, racismo e suas articulações. A intersecção de estruturas racistas e machistas sobre as mulheres negras as coloca mais expostas a condições de vulnerabilidade política e social. Segundo Hill Collins:

Mascarar as persistentes desigualdades sociais é uma retórica “cega à cor”, concebida para torná-las invisíveis. Em um contexto em que muitos acreditam que falar de raça fomenta o racismo, igualdade consiste supostamente em tratar todos da mesma forma. No entanto, como aponta Kimberlé Crenshaw, “é bastante óbvio que tratar coisas diferentes do mesmo modo pode gerar tanta desigualdade quanto tratar as mesmas coisas de maneira diferente.” (...) Nossas experiências familiares e profissionais, bem como nossa participação em diversas expressões da cultura afro-americana, significam que, no geral, as mulheres negras dos Estados Unidos vivem em um mundo diferente daquele das pessoas que não são negras nem mulheres. (COLLINS, 209, p.64-65)

Segundo Patricia Hill Collins e Sirma Bilge:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS e BILGE, 2021, p. 15-16)

O conceito de interseccionalidade denota as diferentes maneiras pelas quais raça e gênero interagem para moldar as várias experiências pelas quais as mulheres negras são submetidas. Estas experiências não são compreendidas se não for considerado o modo como a intersecção do racismo e do sexism afeta estas mulheres, moldando aspectos estruturais, políticos e representacionais que geram violências e as colocam na base da sociedade.

A partir do conceito de interseccionalidade, compreende-se o fato de as feministas negras articularem o feminismo negro como um movimento não essencialista.

Se apreende esse não essencialismo, na medida em que a compreensão da situação das mulheres negras passa pela compreensão da sobreposição de opressões estabelecidas socialmente. Não há uma “natureza” e nem a possibilidade de se recorrer a “essências” para justificar o que ocorre:

Não existe um ponto de vista homogêneo da mulher negra. Não existe uma mulher negra essencial ou arquetípica cujas experiências sejam típicas, normativas e, portanto,

autênticas. Um entendimento essencialista do ponto de vista da mulher negra suprime as diferenças entre as mulheres negras em busca de uma unidade de grupo enganosa. Em vez disso, pode ser mais correto dizer que existe um ponto de vista coletivo das mulheres negras, caracterizado pelas tensões geradas por respostas diferentes a desafios comuns. Ao reconhecer e buscar incorporar essa heterogeneidade na elaboração dos saberes de resistência das mulheres negras, esse ponto de vista renuncia ao essencialismo em favor da democracia. Uma vez que o pensamento feminista negro tanto surge no interior de um ponto de vista das mulheres negras como grupo quanto visa articulá-lo com as experiências associadas às opressões interseccionais que elas sofrem, é importante ressaltar a composição heterogênea desse ponto de vista do grupo. (COLLINS, 2019, p.73)

O foco é destacar a necessidade de explicar os múltiplos aspectos da identidade, ao considerar como a realidade social é construída. Nesses termos, tudo depende de interações e articulações sociais em que grupos são definidos de determinada forma, em função de interesses de domínio e de hegemonia. O feminismo negro é resistência à hegemonia.

Segundo Collins, o movimento feminista negro, identificando e buscando formas de explicação de como a intersecção de opressões incide sobre as mulheres negras, torna-se uma ferramenta para que mulheres negras se empoderem, tomando consciência de si e de suas experiências. Collins afirma que “o conhecimento pode promover o empoderamento”. (COLLINS, 2019, p. 21) O empoderamento ao qual ela se refere está vinculado a uma perspectiva de justiça social:

Hoje reconheço que o empoderamento das afro-americanas nunca será possível em um contexto caracterizado pela opressão e pela injustiça social. Um grupo pode conquistar poder em tais situações dominando outros, mas esse não é o tipo de empoderamento que encontrei no pensamento produzido por mulheres negras. Ao ler o trabalho intelectual de mulheres negras, vim a perceber que podemos estar centrados em nossas próprias experiências e ao mesmo tempo em coalizão com outras pessoas. (COLLINS, 2019, p.21)

Collins vê ativismo e pensamento, intelectualidade, como intrinsecamente conectados nos movimentos das mulheres negras. O propósito do pensamento feminista negro é: “a promoção tanto do empoderamento das mulheres negras quanto das condições de justiça social. (COLLINS, 2019, p. 22 – grifo no original)

PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO

Para Patricia Hill Collins, enquanto houver “a subordinação das mulheres negras na opressão interseccional de raça, gênero, classe, sexualidade e nação” (COLLINS, 2019, p.63), o feminismo negro é necessário. Nesse âmbito, o pensamento feminista negro se relaciona dialogicamente com as experiências individuais e coletivas das mulheres negras no movimento feminista negro e fora dele. Tal perspectiva envolve experiência, prática e teoria como formas de resistência atuante: “Tanto individualmente como em grupo, a relação dialógica sugere que mudanças de pensamento podem ser acompanhadas de transformações em ações e que experiências alteradas podem, por sua vez, estimular uma mudança de consciência.” (COLLINS, 2019, p. 75)

O pensamento feminista negro se caracteriza pela sua ligação às experiências vividas pelas mulheres negras, tendo como objetivo a mudança de tais experiência para

melhor. Collins nos diz que a fundamentação prática do pensamento reflete a relação dialógica:

O pensamento feminista negro abrange o conhecimento geral que ajuda as mulheres negras estadunidenses a sobreviver, enfrentar e resistir ao tratamento diferenciado que nos é dado. Também inclui um conhecimento mais especializado, que investiga os temas e desafios específicos de um período determinado. Em contrapartida, quando as mulheres negras estadunidenses não conseguem ver as conexões entre os temas que permeiam o pensamento feminista negro e os que têm influência sobre sua vida cotidiana, é importante questionar se essa relação dialógica se sustenta. (COLLINS, 2019, p. 77-78)

O pensamento feminista negro, juntamente com a prática, pode criar o que Collins denomina de identidade coletiva das mulheres negras, através da qual cada uma dessas mulheres têm a possibilidade de enxergar uma perspectiva diferente de si mesmas e do contexto do qual fazem parte.

Esse trabalho de construção e reconstrução de identidades⁴ ganha potência no trabalho de intelectuais negras. Collins justifica a importância de intelectuais negras por meio de quatro razões. A primeira delas é a peculiaridade das experiências das mulheres negras que as coloca numa condição única, de compreensão mais crítica das condições de opressão que mulheres que vivem fora dessas estruturas opressivas. A vivência traz a compreensão crítica diferenciada. A segunda razão diz respeito ao fato de as intelectuais negras, acadêmicas ou não, serem menos propensas a se afastar das lutas das mulheres negras quando obstáculos surgem ou quando não há recompensas atraentes. (COLLINS, 2019):

Para a maioria das mulheres negras estadunidenses, envolver-se com a pesquisa e com a produção acadêmica feministas negras não é uma moda passageira – essas questões afetam tanto a vida cotidiana contemporânea quanto as realidades intergeracionais. (COLLINS, 2019, p.83)

A terceira razão é o fato de as intelectuais negras deverem enfatizar a questão da autodefinição, porque, segundo Collins: “falar de si mesma e elaborar uma agenda própria é essencial para o empoderamento.” (COLLINS, 2019, p.83) E é essencial, pois exige e estimula a consciência de quem são e onde estão, antes mesmo de serem definidas por outras e outros que, na maioria das vezes, tentam controlar as suas imagens.

A quarta e última razão mencionada por Collins refere-se à centralidade das intelectuais negras na produção do pensamento feminista negro, pois somente estas podem fomentar a autonomia de grupo que permita coalizões com outros grupos. O objetivo aqui é encontrar maneiras de apresentar as experiências de mulheres negras e suas consciências heterogêneas no centro para desenvolver o pensamento feminista negro sem que ele se torne separatista e excludente. (COLLINS, 2019)

Collins ressalta o fato de o pensamento feminista negro ser um empreendimento coletivo e dinâmico em interação constante com a prática feminista negra. Afirma ela: “assim como as condições sociais mudam, os conhecimentos e as práticas para resistir a elas também mudam.” (COLLINS, 2019, p.88)

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA

Nesses termos, a epistemologia feminista negra está voltada para a compreensão dessa

⁴Sem esquecer que identidade é num sentido não essencialista.

dinâmica e de como a lógica da opressão silencia os grupos das mulheres negras não reprodutoras da visão hegemônica de conhecimento, impondo a essas a apropriação e assimilação de um conhecimento caracterizado pela neutralidade, impessoalidade e objetividade. Em outras palavras, impondo processos eurocêntricos de validação de conhecimento.

Uma maneira de excluir a maioria das mulheres negras do processo de validação do conhecimento é permitir que algumas adquiram posições de autoridade em instituições que legitimam o conhecimento e nos incentivar a trabalhar em conformidade com os pressupostos de inferioridade feminina negra compartilhados pela comunidade acadêmica e pela cultura em geral. As mulheres negras que aceitam esses pressupostos provavelmente serão recompensadas por suas instituições. As que desafiam podem ser mantidas sob vigilância e correm o risco de acabar isoladas. (COLLINS, 2019, p. 407)

Mesmo com imposições e silenciamentos, Collins indica uma epistemologia feminista negra, das mulheres negras, a partir da dialogicidade entre experiência, prática e pensamento, teoria.

Essa epistemologia é importante para as próprias mulheres negras e para o confronto com as práticas dominantes de conhecimento. Segundo Collins, a epistemologia feminista negra possui quatro dimensões e que correspondem às dimensões de validação do conhecimento. A primeira dimensão é a da valorização da sabedoria, envolvendo a perspectiva vivencial. Aqui é importante a compreensão da distinção entre conhecimento e sabedoria. Cito Collins:

No contexto das opressões interseccionais, a diferença é fundamental. Conhecimento sem sabedoria é suficiente para os poderosos, mas sabedoria é essencial para a sobrevivência dos subordinados. A experiência é compreendida como critério de credibilidade e de significado “com imagens práticas como veículo simbólico. (COLLINS, 2019, p. 411-412)

Neste caso, Collins apresenta o exemplo de Sojourner Truth, quando ela afirma “Olhem o meu braço”. A validação do conhecimento passa pelo aspecto corporal.

A segunda dimensão é a do diálogo com outros membros da comunidade, para além do âmbito acadêmico, vistos como importantes para a construção de novos conhecimentos:

Para as mulheres negras, é raro que novas reivindicações de conhecimento sejam elaboradas de maneira isolada de outros indivíduos, e em geral são desenvolvidas em diálogos com outros membros da comunidade. Um dos pressupostos epistemológicos básicos subjacentes ao uso do diálogo na avaliação de reivindicações de conhecimento é o de que a conexão, e não a separação, é um componente essencial do processo de validação do conhecimento. (Collins, 2019, p.416)

A terceira dimensão é a da ética do cuidado, na qual fatores como a expressividade pessoal, as emoções e a empatia são consideradas como fundamentais no processo de validação do conhecimento. O primeiro componente da ética do cuidado é a singularidade, na qual cada indivíduo é considerado uma expressão única de um espírito, poder ou energia comum inerente a toda a vida. [valorização da expressividade pessoal] O segundo componente é a presença das emoções no diálogo. “A emoção indica que um falante acredita na validade de um argumento.” (COLLINS, 2019, p. 420) E o terceiro componente é a empatia. Ao experimentar o sentimento de empatia, os sujeitos se abrem à compreensão do que é expresso pelo seu interlocutor. Em outras palavras, na ética do

cuidado, a expressividade pessoal, as emoções e empatia são centrais para o processo de validação do conhecimento.

A quarta dimensão da epistemologia feminista negra é a da ética da responsabilidade pessoal, a partir da qual espera-se que o indivíduo tenha relação direta com suas próprias ideias e se responsabilize pelo seu discurso:

As pessoas devem não apenas desenvolver reivindicações de conhecimento por meio do diálogo e apresentá-las em um estilo que comprove sua preocupação com as ideias, como também [devem] se mostrar responsáveis em relação a suas reivindicações de conhecimento. Avaliações de reivindicações individuais de conhecimento levam em conta simultaneamente o caráter, os valores e a ética do indivíduo. (...) As reivindicações de conhecimento de indivíduos que são respeitados por suas conexões morais e éticas com suas ideias terão mais peso que as de figuras menos respeitadas. (Collins, 2019, p.423-424)

O compartilhamento de experiências de sobrevivência na adversidade produz uma sabedoria coletiva, um conjunto de princípios, que formam o ponto de vista das mulheres negras. (COLLINS, 2019) Para Collins, este ponto de vista possui uma vantagem epistêmica pois expressa conhecimento e compreensão das ações e comportamentos dos grupos dominantes e dos grupos oprimidos. O fato de terem conhecimento das práticas dos seus próprios contextos e do contexto de seus opressores coloca as mulheres negras numa posição privilegiada para avaliar a sociedade e propor alternativas. Em outras palavras, a epistemologia do pensamento feminista negro ressalta a interação entre teoria e vivência, a centralidade analítica das experiências e ideias das mulheres negras, a criatividade intelectual e a exigência de que o pensamento implique em ações, assim como ações impliquem em pensamentos.

Em última análise, Patricia Hill Collins enfatiza a perspectiva ampliada da epistemologia do pensamento feminista negro e que se apresenta não somente como alternativa ao pensamento hegemônico, mas como uma epistemologia legítima tanto quanto a do pensamento hegemônico eurocêntrico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Refletir acerca do pensamento e da epistemologia do feminismo negro envolve, sobretudo, pensar nas condições das mulheres negras na diáspora. O feminismo negro envolve a visibilização daquelas que são invisibilizadas e silenciadas em vários movimentos que buscam a libertação de grupos oprimidos. Avaliar as experiências das mulheres negras somente sob o ponto de vista de uma questão de gênero ou somente como uma questão de raça produz e reproduz “não lugares” sociais a este grupo de mulheres.

Neste sentido, o feminismo negro surge como um movimento que, partindo de condições de invisibilização impostas às mulheres negras, assume como base de compreensão da situação destas mulheres o conceito de interseccionalidade de opressões que recai sobre elas. Este movimento, ao assumir como base argumentativa o cruzamento interseccional, amplia o olhar sobre as questões de gênero e raciais e permite a construção e a proposição de alternativas aos problemas aí identificados. Estas alternativas direcionam-se não somente a questões práticas, de condições de vida e sobrevivência destas mulheres, mas a questões epistemológicas referentes ao conhecimento considerado válido e o quanto a imposição de saberes serve a discursos e

narrativas de dominação e silenciamento de vozes.

Patricia Hill Collins nos apresenta as peculiaridades desse pensamento e da epistemologia subjacente para enfrentamento de sistemas opressivos que o tempo todo tentam o silenciamento e não validação das experiências e conhecimentos produzidos por grupos de mulheres negras que tem como eixo comum a interseccionalidade de opressões. Ao mesmo tempo, Collins ressalta a diversidade de vozes e conhecimentos produzidos por essas mulheres, na medida em que, enquanto grupo, as mulheres negras são diversas, com vivências e pensamentos diversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2018.
- COLLINS, Patricia Hill, BILGE, Sirma. *Interseccionalidade.* São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento;* tradução Jamile Pinheiro Dias. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe;* tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina.* 1^a Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- JORDAN, June. *Civil Wars.* Boston: Beacon Press, 1981.
- LEAL, Halina. *Feminismo Negro.* Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. V.6, p. 16-23, 2020.